

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE SOBRE O CENTRO EDUCACIONAL FEMININO (CEF)

Natalya Regina Fortes Monte Santos; Aislla Maria de Almeida Gomes; Maria Gilcília
Silva Pereira Borges; Ana Rita Soares Silva.

Universidade Federal do Piauí – UFPI. natalya.fortes@hotmail.com.

Resumo: O presente estudo teve como objetivo compreender como a educação de jovens e adultos é promovida para a formação das jovens privadas de liberdade que cumprem medidas socioeducativas no Centro Educacional Feminino, bem como o desenvolvimento do trabalho do educador que atua neste contexto. A metodologia utilizada foi a entrevista semi-estruturada com a pedagoga, uma professora e uma adolescente do local, além da observação não-participante, objetivando analisar a estrutura física. Após a visita, pode-se perceber o paradoxo entre a educação aplicada no local e a que seria realmente necessária para atuar com este público; o descaso do governo do estado com a formação dos profissionais, bem como o com fornecimento de materiais necessários para o desenvolvimento das atividades pedagógicas; a falta de compreensão da importância do material didático na aprendizagem; e ainda a presença de apenas uma única sala de aula para atender a demanda de várias turmas em níveis diferentes. Assim, é possível afirmar a urgência por mudanças significativas, tratando desde a instrução dos profissionais até a adequação do espaço físico do CEF.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Centro Educacional Feminino, ressocialização, educação como ato político.

Introdução

Por falta de oportunidades, acesso a escolas, qualidade no ensino e investimentos em permanência - ou por estarem sujeitos a condições sociais adversas de subsistência -, jovens, adultos e idosos acabam abandonando os estudos antes mesmo de terem aprendido o básico. Uma das saídas encontradas para essa realidade é a Educação para Jovens e Adultos (EJA) que, ao longo da história, tem sido identificada com as campanhas de alfabetização, em programas acelerados de elevação de escolaridade e exames de certificado de estudos básicos. Engloba também aquela parcela da juventude que apesar de ter acesso a escolas na infância e adolescência, não obtiveram bons resultados no processo de aprendizagem, marcados por reprovações e abandonos.

Como formação humana, a EJA não se trata somente de mera transmissão de conhecimentos ou técnica particular – como a de ler e escrever –, mas de produzir uma mudança na consciência do educando, provocando uma transformação em que a leitura é apenas um entre os inúmeros elementos. No despertar dessa consciência através da educação, surge espontaneamente a compreensão a respeito da necessidade de alcançar um nível elevado do saber e constitui no educando a reflexão de si e de sua realidade, fornecendo inclusive as ferramentas para uma mudança social real.

Deste modo, é impossível falar e muito menos praticar uma educação neutra. Levando em conta o caráter formador, transformador e mantenedor da educação, pode-se constatar que o processo educativo se dá a favor de alguém ou de algo e contra alguém ou algo, ou seja, é regido por uma forma de pensamento. Como afirma Freire (2009, p. 25)

Na medida em que compreendemos a educação, de um lado, reproduzindo a ideologia dominante, mas, de outro, proporcionando, independentemente da intenção de quem tem o poder, a negação daquela ideologia (ou o seu desvelamento) pela confrontação entre ela e a realidade (como de fato está sendo e não como o discurso oficial diz que ela é), realidade vivida pelos educandos e pelos educadores, percebemos a inviabilidade de uma educação neutra.

Portanto, a educação traz em si o poder de mascarar ou revelar a realidade, de manter o educando oprimido e refém da ideologia dominante, ou de libertá-lo, tornando-o um cidadão consciente. Assim, o processo educativo tem uma natureza política – a educação é um ato político –, que busca manter ou transformar o modelo social vigente. Tendo consciência da não-neutralidade de suas ações, o educador precisa ter como finalidade formar cidadãos capazes de enxergar sua realidade, refletir sobre ela e, então, estar apto a transformá-la.

No entanto, observa-se que a educação, assim como a distribuição dos bens produzidos na sociedade capitalista, é desigual nas oportunidades. Enquanto a uns são oferecidas as condições de infraestrutura e material adequado, a outros falta o básico. Com base nesta problemática, Pinto (1993, p. 47) diz que “[...] a ideia do direito igual para todos de receber educação escolar começa por ser exigência de visionários políticos e sociais e só passa a ser uma demanda da consciência geral quando se dão as condições objetivas que fundamentam esse intento”.

A educação consiste no processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. Por consequência, educação é a construção do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual o meio social atua constantemente sobre

o desenvolvimento do ser humano com a intenção de integrá-lo às regras, princípios e valores que são vigentes no momento e de conduzi-los a buscar em suas ações o bem-comum.

Visto isto, é necessário o reconhecimento da pluralidade do público da EJA para um atendimento que considere a individualidade dos sujeitos atendidos por esta modalidade, considerando sua diversidade cultural (AGUIAR, 2009). Uma parcela importante são os sujeitos privados de liberdade que cumprem medidas socioeducativas, principalmente os menores de idade. Por isso a escolha de realizar esta pesquisa no Centro Educacional Feminino (CEF) de Teresina, órgão da Secretaria de Assistência Social e Cidadania (Sasc) que atende adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei.

O presente estudo teve como objetivo compreender como a EJA promove a formação das jovens privadas de liberdade, bem como o desenvolvimento do trabalho do educador que atua neste contexto. Para isto, foi necessário conhecer este ambiente que deve proporcionar a formação de valores positivos às adolescentes envolvidas em atos infracionais, como a reintegração familiar e social, tendo como dever apontar caminhos para uma vida de oportunidades, com hábitos saudáveis e acesso à educação formal, atividades esportivas, capacitação profissional e atendimento psicossocial e saúde.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por meio de visita realizada no Centro Educacional Feminino (CEF), onde foram realizadas entrevistas com três sujeitos: a pedagoga do local, a professora de inglês e uma jovem em medida socioeducativa privada de liberdade. Optou-se pela entrevista semi-estruturada, ou seja, foram propostas perguntas previamente definidas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o assunto em questão, como se fosse uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005).

Também foi utilizada a observação não-participante, com o intuito de analisar a infraestrutura do local para a realização das práticas pedagógicas. Segundo (GODOY, 1995), neste tipo de método, o pesquisador atua apenas como espectador, no qual baseado em um roteiro de observação, analisa atentamente o máximo de requisitos que interessar em seu estudo.

Resultados e Discussão

A maioria das adolescentes que chegam ao Centro Educacional Feminino apresenta distorção idade-série ou havia abandonado os estudos. Logo, se enquadram no segmento atendido pela Educação de Jovens e Adultos e devem ser matriculadas em escolas que atendam esta modalidade, direito garantido pelo Art.205 da Constituição Federal que diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Assim, no momento que as menores infratoras adentram a casa, é feito um levantamento da sua vida escolar pela pedagoga do local, com o intuito de identificar em qual etapa do ensino regular a mesma se encontra ou quando deixou de frequentar a escola. Em seguida, entra-se em contato com os pais das jovens para que estes possam se dirigir até uma escola que oferece ensino regular de EJA, com o propósito de matricular suas filhas, já que a própria instituição não conta com sistema de matrículas, apesar da presença de professores responsáveis pela educação do local. Muitas vezes encontram resistência por parte dos diretores que não querem aceitar esse público, por preconceito ou falta de informação, já que a violação dos direitos humanos e vista, muitas vezes, como forma de solucionar o fenômeno da violência, sem levar em conta a discriminação que pune jovens negros e pobres, excluídos dos direitos mais elementares de cidadania, antes mesmo de adentrarem nas prisões (AGUIAR, 2009). Assim, a meta de matricular as jovens somente é atingida após muito esforço e conversa entre os profissionais do CEF e da escola.

Após serem matriculadas no ensino regular, as adolescentes frequentam as aulas de EJA oferecidas no centro, na etapa que corresponde à série na qual se deu sua matrícula. No CEF, são ofertados os níveis correspondentes ao Ensino Fundamental I e II. Entretanto, a demanda da instituição é maior nas etapas IV e V (entre 6º a 9º ano), já que as etapas I (alfabetização) e II (2º e 3º ano) já foram cursadas pela maioria das jovens que são enviadas para o local, quando crianças. Conseqüentemente, em menor quantidade, recebem meninas que ainda não estudaram as séries que formam a etapa III (4º e 5º ano). O centro não oferta as etapas VI e VII (1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio), pois, como a clientela desta etapa dentro do local é mínima, não são enviados recursos suficientes para atender todos os níveis da modalidade. Caso alguma jovem chegue ao Ensino Médio ainda em regime de privação de liberdade, medidas judiciais são tomadas para permitir seu acesso e a permanência às escolas de EJA fora da instituição.

Isto posto, é responsabilidade do centro transmitir todos os assuntos e disciplinas repassados pela gestão da escola ao CEF. As provas são realizadas no local, cabendo à

pedagoga ao final de cada mês enviar a direção um relatório com as notas das alunas, para, conseqüentemente, serem aprovadas ou não, resultando na permanência ou progressão para as etapas seguintes. Todas as atividades pedagógicas são proporcionadas às jovens pelos professores do local, nos quais cada um é responsável pela sua área.

Contudo, a maioria desses profissionais não é preparada para atuar neste ambiente que exige uma formação específica, tanto pelas necessidades da EJA, como pelo contexto em que as educandas estão inseridas. Como afirma Pinto (1993), o educador estará capacitado quando procurar conhecimento pelas vias externas, através da formação continuada, leitura de periódicos e presença em eventos da área, e pela via interior, onde a indagação constante acerca do seu papel social é determinante. Além disso, o governo estadual que rege a casa, deveria disponibilizar algum suporte inicial para os professores começarem a desenvolver suas atividades, como cursos de formação. Porém, os auxílios que recebem são apenas orientações da pedagoga, que por iniciativa própria, sempre pausa seus trabalhos por uma semana para acompanhar individualmente o professor que está chegando ao local, pelo entendimento da importância desta instrução para a qualidade e o melhor funcionamento do processo educacional.

A pedagoga encara o seu trabalho no CEF como uma missão e declara muito amor pelo que desenvolve com as jovens, o que é relevante na realidade das adolescentes de tentar reatar o vínculo interrompido com a educação formal, não sendo favorável encontrar um ambiente que continue produzindo impactos afetivos negativos (LEITE; GAZOLI, 2012). A partir disso, a profissional considera fundamental o trabalho que tem construído, já que as internas melhoraram o comportamento, passaram a respeitar mais os professores – anteriormente coagidos, ameaçados ou agredidos verbalmente - e demais profissionais do centro e se dedicam mais aos estudos e projetos propostos pela coordenação pedagógica, alcançando melhores resultados nas atividades avaliativas. Ela confirma que isto é comprovado após a saída de algumas jovens do centro, que permanecem estudando e buscando nos estudos a mudança.

Todavia, na concepção da pedagoga do centro, não existe diferença entre as jovens que estão em medidas socioeducativas e qualquer outro estudante, em concordância com Aguiar (2009), no qual afirma que a educação nas prisões é ofertada através de ações que, em sua grande maioria, ignoram as especificidades da EJA, bem como de seus sujeitos. A partir deste posicionamento, pode-se confirmar que um ponto crucial para o desenvolvimento do pensamento crítico das adolescentes é ignorado pelo CEF: a educação como ato político, na qual objetiva suscitar no educando a consciência de si e do mundo (PINTO, 1993). Todo o

trabalho de conscientização das jovens é responsabilidade apenas da psicóloga ou da assistente social, sendo papel do educador apenas a transmissão dos conteúdos necessários para cumprimento do currículo.

Dessa forma, o material didático que é utilizado para orientar as aulas é igual aos das demais escolas desta modalidade de ensino, encaminhados pela Secretaria Estadual de Educação, concordando com o posicionamento da pedagoga. No entanto, o material enviado a instituição não é julgado como adequado, pois, como afirma Bandeira (2018, p.25)

“o tipo de material didático a ser utilizado na educação formal e informal dependerá das condições de oferta e finalidades do curso, da proposta pedagógica, do rol de disciplinas, da duração e da carga-horária, do público alvo, da combinação possível das novas tecnologias etc”.

Ao considerar a realidade enfrentada, os professores consentem que o público atendido é diferenciado, tornando, portanto, a utilização unicamente dos livros didáticos imprópria e incompleta. A alternativa encontrada para superar esta dificuldade e tentar proporcionar reflexões e, conseqüentemente, transformações subjetivas e coletivas no contexto social, cultural e educacional das adolescentes foi a realização de projetos pedagógicos. Nogueira (2001) afirma que a dinâmica de trabalhos com projetos proporciona aprendizagem significativa, múltiplas interações do indivíduo, pluralidade das inteligências, etc.. Assim, esta metodologia é bastante rentável para abordar temáticas relacionadas ao cotidiano das adolescentes, como a denominada “Liberdade”, trabalhada nos meses de abril e maio de 2018. Através do desenvolvimento dos projetos pedagógicos, foi possível identificar uma maior aproximação e interação entre as jovens, reforçando a ideia do trabalho em equipe, além de promover vínculos entre professores das mais variadas disciplinas, buscando conciliá-las com aspectos do tema proposto para atingir os objetivos.

Outro desafio é a impossibilidade das jovens levarem seus materiais didáticos para o alojamento, uma das regras da instituição, pois apesar da oferta, no momento em que os alojamentos são revistados, os livros e cadernos são os primeiros objetos a serem destruídos, podendo se questionar a importância da educação no local ou até mesmo se é realmente vista como um direito (AGUIAR, 2009). Por este motivo, os professores precisam planejar suas aulas de modo que aquele momento seja necessário para uma maior fixação dos conteúdos. Sem poder revisar no contra turno, o momento em que as jovens se encontram com a professora se torna uma eterna revisão, provocando nos profissionais a procura por técnicas

para auxiliar na compreensão e memorização dos assuntos, como o uso de aulas prazerosas – utilizando filmes, músicas, vídeos etc.

Posturas que se enquadram neste viés são necessárias, mantendo sempre a busca de novos métodos de ensino para alcançar uma prática que proporcione resultados positivos e significativos no desenvolvimento dos educandos (BEHRENS, 2003). Entretanto, apesar da magnitude desta dinâmica para todos que compõe o CEF, a falta de recursos repassados pelo estado para o desenvolvimento das atividades se torna um opositor para o sucesso da proposta. Além dos professores não receberem nenhum tipo de benefício por trabalhar com o referido público, todos os materiais utilizados, desde uma simples cartolina até computadores e datashow, são dos próprios profissionais.

Como afirma Pinto (1993), o ato educacional não se constitui apenas dos conteúdos das matérias, mas também das relações sociais e pessoais entre aluno e professor, das instalações da instituição escolar, dos livros e materiais didáticos, as condições locais da escola, etc. Assim, o espaço físico do CEF se torna também barreira para uma educação relevante e significativa. O centro se encontra em uma estrutura totalmente inadequada, pois está situado em um prédio onde funcionava uma antiga creche que foi desativada. Após a acomodação dos serviços socioeducativos, não houve investimentos para adaptação do ambiente, apenas a instalação de grades nas portas e janelas das antigas salas, onde estão os alojamentos.

Além da cantina, banheiros e sala para socioeducadores (psicóloga, assistente social, técnico de enfermagem), a instituição conta apenas com uma única sala de aula para atender as diversas turmas de diferentes níveis da EJA. Com o objetivo de buscar solucionar o problema, o pátio é utilizado de modo improvisado, onde se subdivide em espaços para três grupos assistirem aula simultaneamente. Deste modo, é visível que a prioridade é nas ações que visam manter a ordem e a segurança, fazendo com que os demais atendimentos fiquem em segundo plano (AGUIAR, 2009).

Conclusão

No desenvolver da pesquisa, compreendeu-se a complexidade de se trabalhar na modalidade de educação de jovens e adultos com as adolescentes em realidade de privação de liberdade. O Centro Educacional Feminino é conhecido como um ambiente regido por muitas regras e normas, objetivando manter a ordem, garantir a integridade dos funcionários e assegurar a segurança das menores que cumprem medidas socioeducativas no local.

Por isso, muitas são as questões que deveriam ser colocadas para reflexão, como a estrutura do local, que por falta de apoio governamental é totalmente inadequada; as de ordem material, em que, na maioria das vezes, os próprios professores compram e levam materiais necessários às suas aulas; ou ainda a metodologia utilizada nos processos de ensino-aprendizagem das internas, que exige uma formação mínima dos educadores, que dê condições de conduzir as atividades de maneira política e consciente.

Desse modo, é preciso trabalhar com comprometimento e responsabilidade para que na falta de condições básicas mínimas, o profissional crie meios e não se sinta desestimulado a realizar seu papel social. A luta pelo que é por direito das jovens e do CEF é urgente, para que o trabalho realizado dentro do Centro Educacional Feminino contribua de maneira efetiva na educação e ressocialização das menores.

Referências

AGUIAR, A. Educação de jovens e adultos privados de liberdade: perspectivas e desafios. **Paidéia**, Belo Horizonte, n. 7, p. 101-121, jul./dez., 2009.

BANDEIRA, D. **Material didático**: conceito, classificação geral e aspectos da elaboração. Disponível em: < <http://www2.videolivriaria.com.br/pdfs/24136.pdf>>. Acesso em: 19 de junho de 2018.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2003.

BONI V.; QUARESMA, S. J.. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul., 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Centro Gráfico, 1988.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 2009.

GODOY, A. S.. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun., 1995.

LEITE, S. A. da S; GAZOLI, D. G. D. Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos. **EJA em debate**, Florianópolis, v. 1, n. 1, nov., 2012.

NOGUEIRA, J. M. Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. IN: Projetos. São Paulo: Érica, 2001. p. 75-115.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1993.